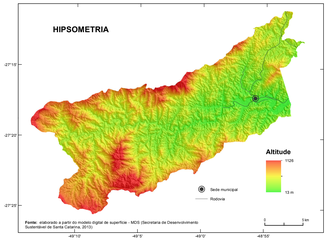
HIPSOMETRIA

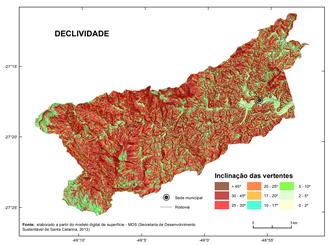


Fonte: elaborado a partir do modelo digital de superfície - MDS (Secretaria de Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina, 2013).

RELEVO SOMBREADO

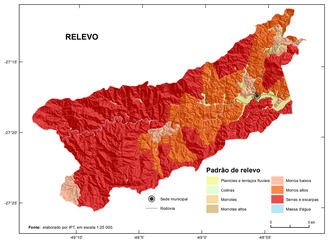
Fonte: elaborado a partir do modelo digital de superfície - MDS (Secretaria de Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina, 2013).

DECLIVIDADE



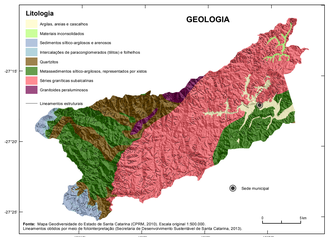
Fonte: elaborado a partir do modelo digital de superfície - MDS (Secretaria de Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina, 2013).

RELEVO



Fonte: elaborado por IPT, em escala 1:25.000.

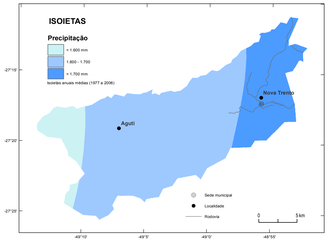
GEOLOGIA



Fonte: Mapa Geodiversidade do Estado de Santa Catarina (CPRM, 2010). Escala original 1:500.000. Lineamentos obtidos por meio de fotointerpretação (Secretaria de Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina, 2013).

PRECIPITAÇÕES MÉDIAS ANUAIS E MENSAIS

ISOIETAS



* Médias mensais estimadas a partir das isoietas de médias mensais

Fonte: Atlas Pluviométrico do Brasil (PINTO et al., 2011).

EQUAÇÃO DE CHUVAS

Equações Intensidade-Duração-Frequência (IDF) adotadas para Nova Trento a partir dos dados da Estação Pluviométrica Fazenda Boa Esperança (Código 02749015):

5min ≤ t < 2h

$$i = \frac{957,0(T)^{0,1804}}{(t+11,2)^{0,80923}}$$

2h ≤ t ≤ 8h

$$i = \frac{728,99^{0,1804}}{(t)^{0,7603}}$$

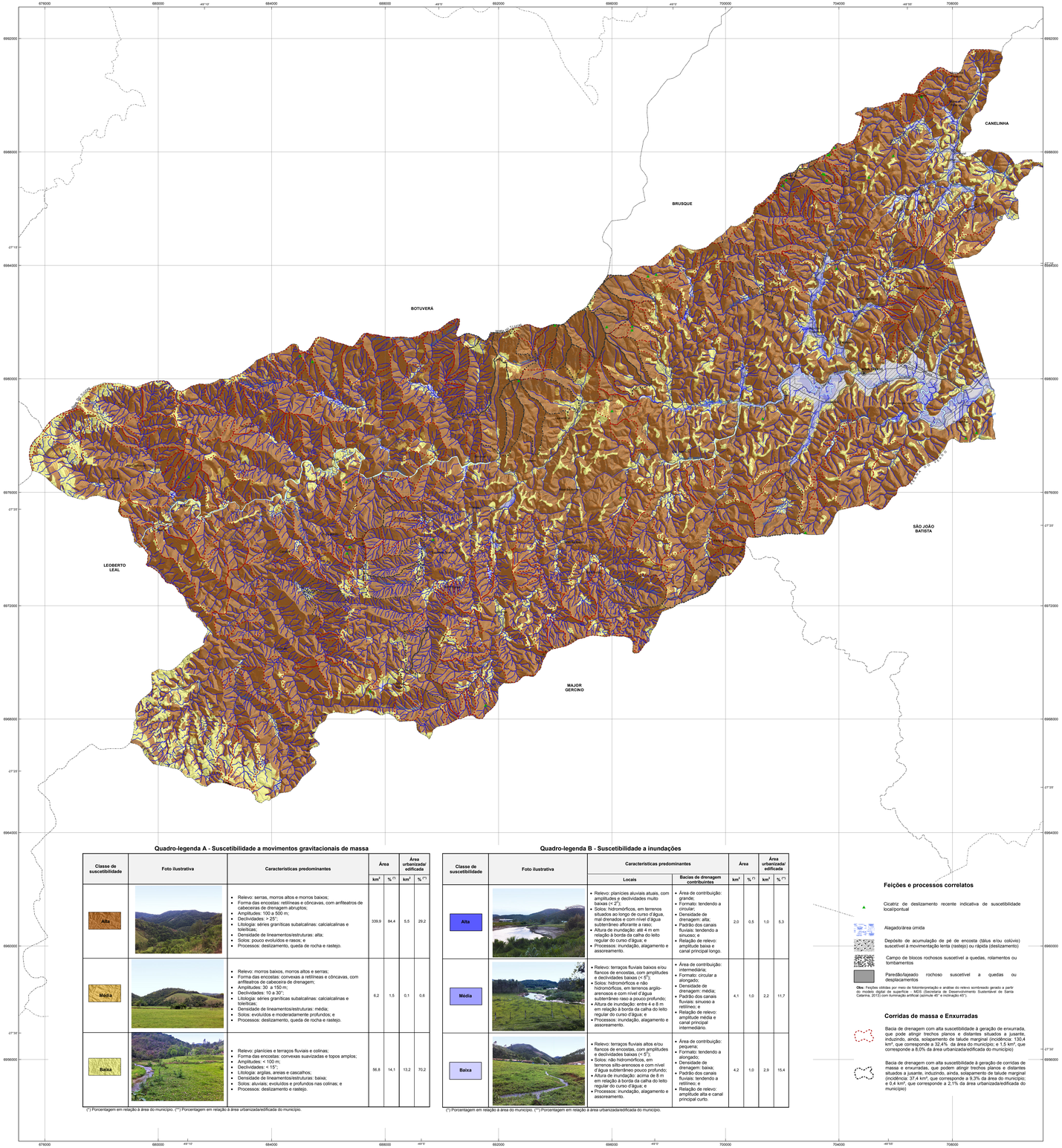
8h < t ≤ 24h

$$i = \frac{172,39^{0,1808}}{(t)^{0,5447}}$$

Onde:
i é a intensidade da chuva (mm/h)
T é o tempo de retorno (anos)
t é a duração da precipitação (minutos)

As equações acima são válidas para tempos de retorno até 100 anos.

Fonte: elaborado por CPRM, com base em Pinto (2013).



Quadro-legenda A - Suscetibilidade a movimentos gravitacionais de massa

Classe de suscetibilidade	Foto ilustrativa	Características predominantes	Área		Área urbanizada/ edificada	
			km²	% (*)	km²	% (**)
Alta		• Relevo: serras, morros altos e morros baixos; • Forma das encostas: retilíneas e côncavas, com anfiteatros de cabeceiras de drenagem abruptos; • Amplitudes: 100 a 500 m; • Declividades: > 25°; • Litologia: séries graníticas subalcalinas: calcialcalinas e toleíticas; • Densidade de lineamentos/estruturas: alta; • Solos: pouco evoluídos e rasos; e • Processos: deslizamento, queda de rocha e rastejo.	339,9	84,4	5,5	29,2
Média		• Relevo: morros baixos, morros altos e serras; • Forma das encostas: convexas a retilíneas e côncavas, com anfiteatros de cabeceira de drenagem; • Amplitudes: 30 a 150 m; • Declividades: 10 a 30°; • Litologia: séries graníticas subalcalinas: calcialcalinas e toleíticas; • Densidade de lineamentos/estruturas: média; • Solos: evoluídos e moderadamente profundos; e • Processos: deslizamento, queda de rocha e rastejo.	6,2	1,5	0,1	0,6
Baixa		• Relevo: planícies e terraços fluviais e colinas; • Forma das encostas: convexas suavizadas e topos amplos; • Amplitudes: < 100 m; • Declividades: < 15°; • Litologia: argilas, areias e cascalhos; • Densidade de lineamentos/estruturas: baixa; • Solos: aluviais; evoluídos e profundos nas colinas; e • Processos: deslizamento e rastejo.	56,8	14,1	13,2	70,2

(*) Porcentagem em relação à área do município. (**) Porcentagem em relação à área urbanizada/edificada do município.

Quadro-legenda B - Suscetibilidade a inundações

Classe de suscetibilidade	Foto ilustrativa	Características predominantes			Área		Área urbanizada/ edificada	
		Locais	Bacias de drenagem contribuintes		km²	% (*)	km²	% (**)
Alta		• Relevo: planícies aluviais atuais, com amplitudes e declividades muito baixas (< 2°); • Solos: hidromórficos, em terrenos situados ao longo de curso d'água, mal drenados e com nível d'água subterrâneo aflorante a raso; • Altura de inundação: até 4 m em relação à borda da calha do leito regular do curso d'água; e • Processos: inundação, alagamento e assoreamento.	• Área de contribuição: grande; • Formato: tendendo a circular; • Densidade de drenagem: alta; • Padrão dos canais fluviais: tendendo a sinuoso; e • Relação de relevo: amplitude baixa e canal principal longo.	2,0	0,5	1,0	5,3
Média		• Relevo: terraços fluviais baixos e/ou flancos de encostas, com amplitudes e declividades baixas (< 5°); • Solos: hidromórficos e não hidromórficos, em terrenos argilo-arenosos e com nível d'água subterrâneo raso a pouco profundo; • Altura de inundação: entre 4 e 8 m em relação à borda da calha do leito regular do curso d'água; e • Processos: inundação, alagamento e assoreamento.	• Área de contribuição: intermediária; • Formato: circular a alongado; • Densidade de drenagem: média; • Padrão dos canais fluviais: sinuoso a retilíneo; e • Relação de relevo: amplitude média e canal principal intermediário.	4,1	1,0	2,2	11,7
Baixa		• Relevo: terraços fluviais altos e/ou flancos de encostas, com amplitudes e declividades baixas (< 5°); • Solos: não hidromórficos, em terrenos sílto-arenosos e com nível d'água subterrâneo pouco profundo; • Altura de inundação: acima de 8 m em relação à borda da calha do leito regular do curso d'água; e • Processos: inundação, alagamento e assoreamento.	• Área de contribuição: pequena; • Formato: tendendo a alongado; • Densidade de drenagem: baixa; • Padrão dos canais fluviais: tendendo a retilíneo; e • Relação de relevo: amplitude alta e canal principal curto.	4,2	1,0	2,9	15,4

(*) Porcentagem em relação à área do município. (**) Porcentagem em relação à área urbanizada/edificada do município.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
SECRETARIA DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL

MINISTRO DE ESTADO
Edison Lobão

SECRETARIA EXECUTIVA
Márcio Pereira Zimmermann

SECRETÁRIO DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL
Carlos Nogueira da Costa Júnior

CPRM - SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL

DIRETOR-PRESIDENTE
Manoel Barretto da Rocha Neto

DIRETOR DE HIDROLOGIA E GESTÃO TERRITORIAL
Thales de Queiroz Sampaio

DIRETOR DE GEOLOGIA E RECURSOS MINERAIS
Roberto Ventura Santos

DIRETOR DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E DESENVOLVIMENTO
Antônio Carlos Bacelar Nunes

DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
Eduardo Santa Helena da Silva

Departamento de Gestão Territorial
Cassio Roberto da Silva

Departamento de Hidrologia
Frederico Claudio Peixinho

Coordenação Nacional
Sandra Fernandes da Silva

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO – IPT

CENTRO DE TECNOLOGIAS GEOAMBIENTAIS – CTGeo

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação
Omar Yazbek Bitar
Tania de Oliveira Braga
Carlos Geraldo Luz de Freitas

Execução
Laboratório de Recursos Hídricos e Avaliação Geoambiental
Alvaro Camargo Kopezynski
Amarilis Lúcia Casteli Figueiredo Gallardo
Ana Candida Melo Cavani Monteiro
Ana Clara Cerminaro
Ana Lúcia Silva Coutinho
Ana Maria de Azevedo Dantas Marins
André Luiz Ferreira
Antonio José Cetto Baladore
Benedito Nachbar
Caio Pompeu Cavalhieri
Carlos Geraldo Luz de Freitas
Caroline Quina dos Santos Kerestes
Deborah Torrell
Fernanda Gonçalves
Fernando Fernandez
Guilherme de Paula Santos Cortez
José Luiz Albuquerque Filho
Lizandra Luiz Callegon
Luiz Gustavo Faccini
Maria Cristina Jacinto de Almeida
Nádia Franqueiro Correa
Nivaldo Paulon
Osvaldo Augusto Filho
Pedro de Paula Youssef
Priscila Ikematsu
Priscilla Moreira Argentin
Roberto Tadao Pinho Sakate
Rodrigo Augusto Stabile
Sérgio Gouveia de Azevedo
Sofia Julia Alves M Campos
Tania de Oliveira Braga

Laboratório de Riscos Ambientais
Agostinho Tadashi Ogura
Alessandra Cristina Corsi
Aline Fernandes Heleno
Claudio Luiz Roberte Gomes
Eduardo Soares de Macedo
Fabricio Araújo Miranda
Gerson Salviano de Almeida
Lucia Mori
Marcelo Fischer Gramani
Zeno Hellmeister Júnior

CENTRO DE TECNOLOGIAS DE OBRAS DE INFRAESTRUTURA – CTOBRAS
Seção de Geotecnia
Alessandra Cristina Nogueira
Daniel Souza de Oliveira
Seção de Recursos Minerais e Tecnologia Cerâmica
Carlos Tadeu de Carvalho Gamba

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO DE SANTA CATARINA

Convenções Cartográficas

- Sede municipal
- Via pavimentada
- Via sem pavimentação
- Curva de nível (espaçamento de 20 m)
- Curso d'água
- Área úmida
- Massa d'água
- Área urbanizada/edificada
- Limite municipal

Fonte: Sistema viário e áreas urbanizadas/edificadas obtidos a partir de fotointerpretação e cursos de nível gerados a partir do MDS (Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina, 2013). Obs.: as áreas urbanizadas/edificadas incluem áreas residenciais, comerciais, de serviços, de infraestrutura, de assentamentos precários, chácaras e indústrias. Hidrografia - Secretaria de Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina (2013). Limite e sede municipais - IBGE (2013).

Feições e processos correlatos

- Cicatriz de deslizamento recente indicativa de suscetibilidade local/pontual
- Alagadiço/área úmida
- Depósito de acumulação de pé de encosta (talus e/ou colúvio) suscetível à movimentação lenta (rastejo) ou rápida (deslizamento)
- Campo de blocos rochosos suscetível a quedas, rolamentos ou tombamentos
- Paredão/lajeado rochoso suscetível a quedas ou desplacamentos

Obs.: Feições obtidas por meio de fotointerpretação e análise do relevo sombreado gerado a partir de modelo digital de superfície - MDS (Secretaria de Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina, 2013) com iluminação artificial (azimute 45° e inclinação 45°).

Corridas de massa e Enxurradas

- Bacia de drenagem com alta suscetibilidade à geração de enxurrada, que pode atingir trechos planos e distantes situados a jusante, incluindo, ainda, solapamento de talude marginal (incidência: 130,4 km², que corresponde a 32,4% da área do município; e 1,5 km², que corresponde a 8,0% da área urbanizada/edificada do município)
- Bacia de drenagem com alta suscetibilidade à geração de corridas de massa e enxurradas, que podem atingir trechos planos e distantes situados a jusante, incluindo, ainda, solapamento de talude marginal (incidência: 37,4 km², que corresponde a 9,3% da área do município; e 0,4 km², que corresponde a 2,1% da área urbanizada/edificada do município)

Nota: Documento cartográfico complementar ao Objeto 0603 do Programa de Gestão de Riscos e Resposta a Desastres Naturais, incluído no Plano Plurianual 2012-2015 do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Sua elaboração considera, entre outras referências, as diretrizes contidas no manual para zoneamento de suscetibilidade, perigo e risco a deslizamento, publicado em 2008 pelo Comitê Técnico de Deslizamentos e Taludes Construídos, das associações técnico-científicas internacionais de geologia de engenharia e engenharia geotécnica (ISSMGE, IAEG e ISRM - JTC-1) e traduzido em 2013 pela ABGE e ABMS. A carta tem caráter informativo e é elaborada para uso exclusivo em atividades de planejamento e gestão do território, apontando-se áreas quanto ao desenvolvimento de processos do meio físico que podem causar danos materiais e perdas de vidas humanas. Em função da escala de trabalho adotada (1:50.000, com escala 1:25.000, podendo ser ampliada em até duas vezes) e de suas características, a carta não dispensa pressupõe a consulta prévia ao documento técnico que a acompanha, denominado "Cartas de Suscetibilidade a Movimentos Gravitacionais de Massa e Inundações, 1:25.000 - Nota Técnica Explicativa". O zoneamento apresentado é de nível básico e está fundamentado em fatores naturais predisponentes espacializáveis, obtidos por meio de consulta e tratamento de dados secundários disponíveis e validação em campo. As zonas apontadas na carta indicam áreas de predominância quanto ao processo analisado. Não indica a trajetória e o raio de alcance dos materiais mobilizáveis e tampouco a interação entre os processos. A classificação relativa (alta, média, baixa) aponta áreas onde a propensão ao processo é maior ou menor em comparação às demais áreas. Dentro de cada uma delas podem haver áreas com classificação mais ou menos elevada do que a indicada na carta. Nos terrenos suscetíveis a processos de movimentação lenta, as taxas de deslocamento podem ser muito pequenas e gradual. Suscetibilidade nula não significa que o processo não poderá ser gerado na área em questão, pois atividades humanas podem modificar sua dinâmica. A presença de feições associadas a processos pode alterar localmente a classe indicada. O zoneamento não pode ser utilizado para avaliar a estabilidade dos terrenos, bem como não se destina a empregos em escala não seja a de origem, sendo que tais usos inapropriados podem resultar em conclusões incorretas. Estudos mais detalhados em nível local são necessários, particularmente em áreas de suscetibilidade alta e média, podendo produzir limites distintos ante os apontados na carta. Nas áreas urbanizadas/edificadas, ressalva-se o fato de que as classes indicadas podem estar alteradas, para mais ou para menos, a depender do grau de influência da ocupação existente. A incidência de suscetibilidade alta em áreas urbanizadas pressupõe condições com potencial de risco maior e requer estudos específicos.

CARTA DE SUSCETIBILIDADE A MOVIMENTOS GRAVITACIONAIS DE MASSA E INUNDAÇÕES

MUNICÍPIO DE NOVA TRENTO - SC

1:50.000

1 0,5 0 1 2 km

PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
Origem da quilometragem UTM: Equador e Meridiano Central 51° W Gr., acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.
Datum horizontal: SIRGAS 2000

OUTUBRO 2013
Revisão 03 - Março 2015

ipt · PAC Aceleração do Crescimento · CPRM Serviço Geológico do Brasil · Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral · Ministério de Minas e Energia · BRASIL PÁTRIA EDUCADORA